

Dados mostram vitória de González na Venezuela, afirma Carter Center

Organização diz à Folha que chavismo impregnou instituições do Estado como o Poder Eleitoral

ELEIÇÕES NA VENEZUELA

Mayara Paixão

BOGOTÁ O maior e um dos únicos observadores independentes da eleição presidencial na Venezuela, o Carter Center, diz ter verificado os dados das atas eleitorais coletadas pela sociedade civil e por representantes de partidos opositores e confirmado que são consistentes.

Assim, a organização aponta que o opositor Edmundo González venceu de maneira clara e "por uma margem intrínseca".

A instituição diz que os resultados coincidem com uma pequena amostra de dados coletados por seus observadores no dia da votação e que não há dúvidas da vitória real da oposição. É uma das manifestações mais contundentes até aqui em favor de González.

Para a organização, o Poder

Eleitoral no país é emvasado e não agiu de maneira independente no pleito que oficialmente elegeu o ditador Nicolás Maduro para mais seis anos de mandato.

"O chavismo está impregnado no Estado venezuelano de tal forma que está presente nas instituições que deveriam ser independentes de uma maneira frugal", diz à Folha Ian Batista, analista eleitoral na missão de observação que o Carter Center enviou a Caracas a convite do regime.

"Quem nomeia os membros principais do Conselho Nacional Eleitoral é a Assembleia Nacional, que está 100% fechada com o chavismo. Não há instituições que poderiam balancear os Poderes. A Constituição prega algum nível de independência, mas como o chavismo está impregnado em todos os lugares, eles controlam todos os altos cargos." Batista esteve por um mês na Venezuela para acompa-

nhar o período pré-eleitoral e o pleito de 28 de julho. Com ele, outros três analistas do Carter Center se dividiram entre Caracas e cidades do interior. Mas, de supetão, a equipe deixou o país nos dois dias que sucederam a eleição. Quando o último de seus membros saiu do território venezuelano, o centro publicou comunic-

nado taxativo dizendo que o pleito não fora democrático, "A gente não recebeu nenhum tipo de intimidação por parte do governo ou da autoridade eleitoral. Mais do que isso, todas as condições do momento de entendimento que assinamos em abril com Caracas, para termos liberdade de movimento, de expres-

são e de acesso ao processo, foram cumpridas", diz Batista. "Mas os fatos da noite do domingo de votação, especialmente o de que o CNE não apresentou um resultado transparente e granular dos votos, e a oposição clamar esses números, nos fizeram esperar protestos populares, possivelmente com repressão por parte do governo e muito isolamento internacional. Entendemos que, por razão de segurança dos nossos membros, a gente precisava sair do país", afirma.

Onome da organização baseada em Atlanta, nos EUA, aparece nos Acordos de Barbados, que, cada vez mais enfraquecidos, foram assinados entre regime e oposição em outubro passado. O texto celebrado internacionalmente previa convites a missões de observação eleitoral para Carter Center, União Europeia, ONU e União Africana.

Mas o Carter Center virou peça central depois que, repentinamente e sem debater entre todas as autoridades eleitorais, o CNE desconviou o bloco europeu, e a ONU enviou apenas um painel de especialistas que, pelo regimento das Nações Unidas, não emite declarações públicas de avaliação sobre a condução do processo.

Os pesquisadores do Carter Center hoje se permitem fazer um a dendo aos elogios que seu fundador, o ex-presidente americano Jimmy Carter, tecu há mais de uma década. Em setembro de 2012, poucos dias antes de Hugo Chávez (1954-2013) ser reeleito, ele afirmou que o sistema eleitoral venezuelano era o melhor do mundo.

"De fato é um excelente sistema eleitoral, se fosse implementado na sua essência e como está previsto em lei", diz Batista. "É boa prática internacional que sistemas eletrônicos de votação tenham um sistema paralelo de conferência do voto, geralmente em papel. O papel e a conferência a o final da votação dos números da máquina e dos comprovantes geram confiança na população".

"Existe uma robusta série de auditorias realizadas no sistema da Venezuela. São independentes, nós as acompanhamos. Agora, eles têm a capacidade de divulgar os resultados granulares e até agora não o fizeram", declara.

"Os militares nesse momento possuem custódia de todas as atas. Essa demora para divulgá-las não é plausível. O fato de que não fizeram isso até agora levanta sérias suspeitas sobre o resultado anunciado pela autoridade eleitoral".

A equipe do Carter Center ainda levará alguns meses para divulgar seu informe final sobre o pleito, mas já se tornou alvo de ataques. O ditador afirmou que a organização já estava com o relatório pronto antes mesmo de acompanhar o pleito. Depois, seu chanceler, Yván Gil, disse que a entidade "mente descaradamente". "Uma vergonha colocar essa instituição em um plano de golpe de Estado", disse.

Acusado de fraudar o pleito, Maduro determinou nesta quinta o bloqueio por dez dias da rede social X na Venezuela. A medida foi anunciada depois de o ditador acusar Elon Musk, o proprietário da plataforma, de incitação ao ódio e ao fascismo e de coordenar ataques cibernéticos contra o sistema eleitoral venezuelano. O anúncio do bloqueio do X é mais uma medida tomada desde a eleição para combater o que Maduro chama de um golpe de Estado em curso. Na última segunda-feira (5), o ditador já havia dito que o WhatsApp faria parte dessa ação, e o desinstalou de seu celular em frente a apoiadores.

Brasil, México e Colômbia se opõem a plano de Maduro de chancelar pleito no Supremo

Os governos de Brasil, Colômbia e México voltaram a defender, em comunicado nesta quinta (8), a publicação das atas de votação e dos dados detalhados da eleição na Venezuela, mas destacaram que a divulgação dos resultados cabe ao Conselho Nacional Eleitoral (CNE), não ao Supremo local.

Trata-se de uma manifestação pública dos três países contra a estratégia de Nicolás Maduro de tentar transferir ao Tribunal Superior de Justiça (TSJ) a tarefa de chancelar a validade do pleito. A alta instância é controlada pelo chavismo. "O respeito aos direitos humanos deve prevalecer", diz o trio.



Mulher acende vela durante vigília para pedir a libertação de manifestantes detidos em Caracas. Leonardo Fernandez Vitoria/Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 12